

O Delírio de Controle: a fantasia de onipotência na alma humana

Por Carlos Colect

1. Introdução

Em sua constituição psíquica, o ser humano carrega uma tensão fundamental entre o desejo de segurança e o reconhecimento de sua vulnerabilidade. Este conflito se traduz, muitas vezes, em um delírio de controle, ou seja, uma ilusão persistente — e até socialmente validada — de que é possível dominar os acontecimentos da vida, prever o futuro e regular todas as contingências que afetam o corpo, a mente e o espírito. Tal fantasia atravessa séculos, civilizações e sistemas de crenças, e tem sido objeto de análise desde os primeiros textos religiosos até as teorias mais modernas da psicologia e da sociologia.

2. A origem narcísica do delírio de controle

Na infância, a experiência do bebê é atravessada por uma sensação de fusão com o outro (geralmente a mãe) e por uma estruturação progressiva do eu a partir das respostas do ambiente. A teoria psicanalítica clássica, especialmente em Freud, mostra que a criança vive uma fase de narcisismo primário, onde o mundo parece girar ao redor de suas necessidades.

Com o tempo, a frustração (necessária) rompe esse estado ilusório. No entanto, remanescem resíduos inconscientes desse narcisismo, frequentemente reativados diante de situações-limite. O “delírio de controle” é, portanto, uma formação de compromisso entre o **desejo de onipotência e a realidade da castração simbólica**.

No seu texto *O Ego e o Id* (1923), Freud afirma que “O ego é antes de tudo um ego corporal”. Em outras palavras, o sujeito constrói um “eu” que se crê autônomo e racional, mas que é atravessado por forças inconscientes que escapam à sua vontade. Como diria Lacan, o sujeito está “sujeitado à linguagem” — e a linguagem já o precede, o molda, o limita. Não somos mestres nem de nós mesmos.

3. O homem moderno e a ilusão da previsibilidade

O filósofo alemão Martin Heidegger, em *Ser e Tempo* (1927), chamou a atenção para o fato de que a existência humana é sempre "ser-para-a-morte". O ser humano vive uma abertura radical ao desconhecido, e sua tentativa de controlar a existência é, frequentemente, uma forma de encobrir a angústia ontológica da finitude.

No entanto, a modernidade — e especialmente a racionalidade científica — ofereceu ao homem a promessa de que o mundo poderia ser totalmente compreendido, mapeado, regulado. A ciência passou a funcionar como um novo discurso de salvação, e o sujeito moderno se tornou um gestor de riscos, um administrador de si mesmo.

Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida* (2000), escreve: “Vivemos em uma cultura da gestão da insegurança, onde a liberdade foi substituída pela vigilância e o amor pela conexão temporária.” O resultado disso é uma sociedade que sofre de uma ansiedade crônica, precisamente porque, ao tentar controlar tudo, nos tornamos escravos da performance e do medo de errar. O delírio de controle não só não resolve o problema do sofrimento humano, como o amplifica, transformando a vida em um campo minado de expectativas e frustrações.

4. A teologia do controle: do Éden à cruz

A narrativa bíblica também denuncia essa patologia da alma humana. Em *Gênesis* 3, o desejo de "ser como Deus, conhecedores do bem e do mal" marca o momento da queda. O pecado original, nesse sentido, é a tentativa de autossuficiência — a recusa da condição de criatura. Agostinho de Hipona interpreta esse gesto como superbia, ou soberba: o desejo de domínio sobre si e sobre o mundo, sem a mediação da graça. Em *A Cidade de Deus*, Livro XIV, diz: “O orgulho não é mais que o amor de si mesmo levado ao desprezo de Deus.”

Cristo, por contraste, aparece no Novo Testamento como aquele que abdica do controle: “Esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo” (Filipenses 2:7). A cruz é, portanto, o anti-delírio, o gesto radical de entrega à vontade do Pai. No Jardim do Getsêmani, Jesus ora: “Não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lucas 22:42).

A fé autêntica não é uma busca de controle espiritual, mas um abandono confiante no mistério. O verdadeiro crente não manipula Deus, não negocia bênçãos, não exige garantias — ele confia. E confiar é, sempre, um ato de não saber.

5. O fim do delírio: reconhecer os limites, encontrar sentido

A saída do delírio de controle não é o desespero, mas o reconhecimento dos próprios limites como caminho de sabedoria. Como ensina a tradição estoica, há coisas que estão sob nosso poder (as escolhas, os valores, a atitude diante da dor) e há coisas que não estão (o tempo, a morte, o outro, a sorte). Viver bem é discernir entre essas duas esferas.

Na clínica psicanalítica, este trabalho se dá através da renúncia simbólica à onipotência — uma travessia que permite que o sujeito se reconcilie com o que escapa ao seu domínio, e assim, paradoxalmente, possa viver de forma mais plena.

6. Conclusão

O delírio de controle é uma resposta humana compreensível diante da angústia, mas que, ao longo do tempo, se transforma em prisão. Somente quando aceitamos o limite, o inesperado e o outro como parte constitutiva da vida, podemos nos abrir ao amor, à fé e ao real. O sujeito que abandona a ilusão de controle não se torna passivo, mas maduro, realista e mais capaz de acolher a existência em sua complexidade.

Para corroborar com essa reflexão, reforço que o nosso cérebro, em sua natureza, não compõe o mecanismo do controle, e sim da compreensão. Em outras palavras, não fomos feitos para controlar, mas para compreender e aprender. Quanto mais controle buscamos ter, mais sintomas produzimos. Por assim ser, deixo a palavra de sabedoria do livro de Provérbios, a qual expressa que, por vezes, haverá a necessidade da existência de uma fé, no sentido de lançar mão da tentativa de controlar o incontrolável: “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento.” (Provérbios 3:5). Relembro que o “Senhor”, no campo psicanalítico, pode se referir ao Pai Simbólico. Ou seja, o indivíduo que passou por uma infância saudável, onde o Pai foi presente, ajudando-lhe a sair do narcisismo primário, consegue, com mais facilidade, confiar nos processos pedagógicos da Vida, pois há um Pai Interno que lhe produz segurança.